



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA



VERÔNICA LIMA DE CARVALHO

SIMBOLISMOS ICONOGRÁFICOS DE JESUS CRISTO NO IMPÉRIO BIZANTINO
DURANTE OS SÉCULOS VI E VII

PICOS - PIAUÍ
2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA



VERÔNICA LIMA DE CARVALHO

SIMBOLISMOS ICONOGRÁFICOS DE JESUS CRISTO NO IMPÉRIO BIZANTINO
DURANTE OS SÉCULOS VI E VII

Pesquisa apresentada à disciplina de Conclusão de Curso II, orientada pelo Professor Doutor José Petrucio de Farias Júnior, do curso Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí.

PICOS – PIAUÍ

2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C331sCarvalho, Verônica Lima de.

Simbolismos iconográficos de Jesus Cristo no império bizantino durante os séculos VI e VII. / Verônica Lima de Carvalho. -- Picos,PI, 2019.

44 f.

CD-ROM: il; 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História). – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

“Orientador(A): Prof. Dr. José Petrúcio de Farias Júnior.”

1. Iconografia - Religião. 2. Arte Bizantina. 3. Simbolismos – Império Bizantino. 4. Cristo Pantocrator. I. Título.

CDD 704.948

Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dezanove (19) dias do mês de junho de 2019, no Auditório Severo Eulálio, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **VERÔNICA LIMA DE CARVALHO** sob o título **Representações iconográficas de Jesus Cristo no Império Bizantino no século VI e VII.**

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. José Petrucio de Farias Júnior
Examinadora 1: Prof. Gizeli Lima da Conceição
Examinadora 2: Prof. Ms. Ana Paula Cantelli Castro

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI), 19 de junho de 2019.

Orientador (a):

José Petrucio de Farias Jr.

Examinador (a) 1:

Gizeli da Conceição Lima

Examinador (a) 2:

Paula

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por ter chegado até aqui, a jornada não foi fácil. Agradeço aos meus pais Balbina e Francisco que não mediram esforços para que eu prosseguisse com os meus estudos, pelo apoio, incentivo e sacrifícios, sem vocês eu não teria chegado até aqui. Agradeço também ao professor/orientador Dr. José Petrúcio por seus ensinamentos, paciência e confiança ao longo das supervisões das minhas atividades, como também, pelas riquíssimas contribuições e incentivo ao desenvolvimento deste trabalho. No mais, não poderia deixar de agradecer aos meus amigos e colegas de curso pelas alegrias e tristezas compartilhadas, as nossas conquistas serão conjuntas.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as fontes que tratam das representações iconográficas de Jesus Cristo. Assim como também, buscar perceber a relação do simbolismo e da arte cristão no Império Bizantino durante os séculos VI e VII. Além disso, buscaremos ressaltar os reais interesses por trás da simbologia das imagens de Jesus, e da arte bizantina, sendo eles religiosos, políticos, artísticos e sociais. Desse modo, essa pesquisa tem como enfoque principal analisar as fontes iconográficas que foram escolhidas para estudo devido as suas abordagens sobre o contexto histórico onde se deram essas representações, e a sua real importância para a sociedade da época. Em caráter complementar, pretendemos apresentar o simbolismo das cores e dos ícones que compõem a cena do Cristo Pantocrátor, na tentativa de relacionar arte e religião no Império Bizantino, mostrando como as fontes iconográficas externam visões de mundo e expectativas sobre a vida, tendo em vista as circunstâncias históricas e condições de produção destas fontes.

PALAVRA – CHAVE: Iconografia, Cristo Pantocrator, Simbolismos, Arte Bizantina.

ABSTRACT:

The present work aims to analyze the sources that deal with the iconographic representations of Jesus Christ. As well as seeking to perceive the relation of symbolism and Christian art in the Byzantine Empire during the sixth and seventh centuries. In addition, we will seek to highlight the real interests behind the symbolism of the images of Jesus, and of Byzantine art, being religious, political, artistic and social. In this way, this research has as main focus to analyze the iconographic sources that were chosen for study due to its approaches on the historical context where these representations were given, and their real importance for the society of the time. In a complementary way, we intend to present the symbolism of the colors and icons that make up the scene of the Christ Pantocrator, in the attempt to relate art and religion in the Byzantine Empire, showing how iconographic sources portray worldviews and expectations about life, in view the historical circumstances and conditions of production of these sources.

KEY-WORD: Iconography, Christ Pantocrator, Symbolism, Byzantine Art.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1.....	16
FIGURA 2.....	24
FIGURA 3.....	24
FIGURA 4.....	25
FIGURA 5.....	29
FIGURA 6.....	31
FIGURA 7.....	32
FIGURA 8.....	33
FIGURA 9.....	36
FIGURA 10.....	37
FIGURA 11.....	39
FIGURA 12.....	41
FIGURA 13.....	42
FIGURA 14.....	43

SUMÁRIO

1.0	INTRODUÇÃO	Nº 10
2.0	SEÇÃO I – A concepção de Teologia Política no Império Bizantino	Nº 16
3.0	SEÇÃO II – A arte sacra e religiosa: produção iconográfica no império bizantino	Nº 22
4.0	SEÇÃO III – Cristo Pantocrátor	Nº 27
5.0	SEÇÃO IV – Simbolismos presentes nas fontes iconográficas cristãs	Nº 35
6.0	CONSIDERAÇÕES FINAIS	Nº44
7.0	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	Nº46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as representações iconográficas de Jesus no império bizantino nos séculos VI e VII a fim de compreender os simbolismos e os interesses contidos na produção dessas imagens. Em segundo lugar, pretendemos discorrer sobre a importância das fontes iconográficas, suas representações e simbolismos para compreender as relações entre as práticas religiosas e as experiências político-culturais no Império Bizantino. Além disso, buscaremos apresentar o simbolismo das cores e dos ícones que compõem a cena do Cristo Pantocrator na tentativa de relacionar arte e religião no Império Bizantino e mostrar como as fontes iconográficas externam visões de mundo e expectativas sobre a vida, tendo em vista as circunstâncias históricas e condições de produção destas fontes.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica pela necessidade historiográfica de se discutir os interesses políticos, sociais e religiosos que norteavam a produção e disseminação dessas iconografias, usando estas como forma de manutenção do poder imperial. Assim, buscaremos analisar a figura de Jesus representado como Cristo Pantocrator no qual ele é representado como verdadeiro soldado de Deus fazendo alusão a figura do imperador, este visto como representante divino na terra, de forma a percebermos a relação político-religiosa estabelecida entre o poder imperial e o poder religioso do período.

Assim sendo, nossa principal fonte de análise serão as iconografias religiosas de Cristo e da Virgem Maria que foram produzidas entre os séculos VI e VII, uma vez que estas foram em grande parte dizimadas pelo processo de Querela Iconoclasta ocorridos nos séculos VIII e IX de modo a pouco contribuir para os estudos, raso em nossa historiografia, acerca dos simbolismos religiosos da cristandade no período do medievo, sendo nosso intuito contribuir para uma melhor discussão acerca do tema.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa pretendemos expandir o conhecimento acerca do tema estudado, visto que esta é uma temática pouco trabalhada pela historiografia, o que acabou deixando várias lacunas na abordagem e discussão crítica das fontes iconográficas. Com um estudo mais aprofundado, analisando as imagens e as bibliografias que tratam deste assunto, poderemos perceber toda uma rede de interesses políticos que há por trás destas fontes. Dessa

maneira, buscaremos desconstruir algumas das visões rasas e deturpadas que foram disseminadas pela produção historiográfica sobre a história bizantina, tentando assim desconstruir alguns discursos que se embasavam apenas como um teor religioso e evangelizador ao produzir estas imagens sacras, sendo que o que havia por trás delas eram na verdade formas de manutenção do poder do monarca, como também a alusão da figura deste como um ser divino.

Além disso, será de grande importância o estudo destas fontes iconográficas, para que possamos compreender algumas de suas especificidades e como estas influenciavam o imaginário religioso da sociedade bizantina, tecendo uma série de relações e comportamentos que ditavam as suas crenças.

Também poderemos perceber as diferenças das representações de Cristo na iconografia oriental da ocidental, veremos como cada uma foi moldando os seus interesses próprios nas produções destas, sendo assim, é de notória importância sabermos como a figura de Jesus foi utilizada para propagar ideias e crenças numa sociedade em um dado contexto histórico do medievo.

No mais, a pesquisa será realizada principalmente pelo viés da história cultural, sendo esta interdisciplinar dentro do campo do saber histórico, pois partimos da perspectiva macro para compreender a sociedade bizantina a partir das análises iconográficas de Jesus. Além disso, segundo Peter Burke o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar, sendo assim, é possível que analisemos diversos temas e estudos que antes foram deixados em segundo plano.

As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim, visões contemporâneas daquele mundo [...] O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante [...]) Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais [...] No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas, observando os detalhes pequenos mas significativos – incluindo ausências significativas – usando-os como pistas para informações que os produtores de imagens não sabiam que eles sabiam, ou para suposições que eles não estavam conscientes de possuir. (BURKE, 2004 p. 236)

Desse modo, percebemos que as iconografias possuem uma complexa rede de significados que devem ser analisados levando em conta o contexto histórico e

social que elas foram produzidas. Partimos do pressuposto de que práticas religiosas e políticas estão imbricadas; dissociá-las tornaria a investigação inadequada. Ou seja, o viés historiográfico a ser trabalhado, parte da perspectiva de tentar quebrar estereótipos e visões rasas acerca da iconografia bizantina, visões estas que tratavam das fontes iconográficas apenas como representações de cunho religioso. Assim, buscaremos entender uma série de questões que vão muito além de apenas um aspecto visto como religioso, mas que envolve uma rede de interesses políticos e econômicos.

Os métodos a serem utilizados consistem, primeiramente, na busca pelas fontes, na análise e no reconhecimento das circunstâncias históricas que motivaram a produção das fontes iconográficas em estudo nesta pesquisa, além disso, tratamos de extrair informações e análises críticas das imagens e textos, ambos acerca da iconografia de Jesus Cristo.

Após isso, tratamos de pensar em novas possibilidades de reflexão sobre a produção do conhecimento histórico, bem como, analisar as fontes iconográficas e as suas relações simbólicas como os interesses políticos e religiosos do império bizantino a partir da leitura de fontes bibliográficas como “O simbolismo na arte cristã do período bizantino” de Alexandre Barreto, “A Querela iconoclasta: uma disputa em torno dos ícones no Império Bizantino” de Renato Viana Boy, “Império Bizantino” de Hilário Franco Jr, a “Simbologia do ícone Bizantino” por Manuel Vega, “Os ícones de Cristo: história e culto” de Georges Gharib e “O rosto de Cristo - a formação do imaginário e da arte Cristã” de Armindo Trevisan, entre outros. Além disso, será trabalhado por meio da análise dessas imagens e das fontes bibliográficas as interpretações religiosas de Jesus produzidas no século VI e VII, sendo elas o Mosaico bizantino do século VI, conhecido como O Cristo militante, como também as imagens de Cristo Pantocrator do século VI e VII que é um dos mais célebres mosaicos Bizantinos que se encontra na Basílica de Santa Sofia na antiga Constantinopla, dentre outras. Estas imagens trazem uma série de símbolos e formas que traçam uma infinidade de significados, e que devem ser analisadas detalhadamente, como forma de compreendermos as mensagens as quais representavam.

Observaremos em caráter complementar os simbolismos presentes nas cores que são usadas nas imagens, afim de perceber como estas eram usadas como forma de disseminar discursos religiosos e políticos no imaginário da sociedade bizantina,

iremos problematizar e refletir minuciosamente cada detalhe, traço e linhas de expressões presentes nas pinturas, pois estas eram pensadas como forma de “evangelizar” os indivíduos iletrados, que eram a maioria das pessoas que compunham a sociedade da época.

Além disso, promover a extração de informações e analisar criticamente objetos, textos, imagens, etc. Dominando uma metodologia de análise das fontes históricas. Como também, sintetizar estudos, pesquisas e reflexões por meio de trabalhos e apresentações que utilizem diferentes linguagens: corporal, escrita, visual. Trataremos também de estudar obras historiográficas que nos trazem a discussão acerca dos conceitos de representação e interpretação de imagens, como forma de entendermos melhor a importância destas para um viés historiográfico, trabalharemos principalmente com as obras que se volta para o viés da História Cultural, tais como as noções de cultura de Pesavento (2005), “Entre práticas e representação” de Chartier (1988), “Mitos, emblemas e sinais” de Ginzburg (1989), “Testemunha ocular: história e imagem” de Peter Burke (2004), dentre outros que nos levarão a discussão dessa problemática.

A análise de fontes iconográficas foi facilitada principalmente pelo surgimento da Nova História Cultural, tendo em vista que esta ampliou o território de estudo das fontes históricas, passando a dar um grau maior de importância aos comportamentos culturais, sociais, políticos, de uma sociedade específica. É a partir dessa concepção acerca da tradição cultural que desenvolveremos um trabalho acerca da História Social da Cultura - subcampo da Nova História Cultural - segundo o conceito de Arqueologia da História Cultural (PESAVENTO, 2005).

Chartier nos leva a pensar como as pessoas se apropriam das representações, e através delas constroem novas percepções. Pois, as produções iconográficas são as práticas de uma determinada sociedade, mas os seus significados e simbolismos são as representações.

Se para Chartier história cultural é a maneira como uma determinada realidade é construída e interpretada, as representações que aqui compreendem os modos de ver, embora são pensadas visando a universalidade, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam.¹

¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Bertrand Brasil: 1990. p. 17.

Antes de analisar estas imagens, primeiro temos que ter conhecimento acerca das características sociais, políticas e religiosas do império bizantino, pois estas foram essenciais para o desenrolar dessa história. O Império Romano do Oriente destacava-se pela sua magnificência, marcada por grandes trocas comerciais, riquezas e o esplendor de sua arte. O termo “bizantino” foi ganhando maior proporção a partir do século XVI depois da desestruturação do Império Romano. O império bizantino se via como herdeiro do império romano, e assim se deu, pois, se tornou conhecido como Império Romano do Oriente (Grécia, Egito, Síria-Palestina, Mesopotâmia, Ásia Menor). Além disso, como é elencado por Hilário Franco, desde os primeiros séculos de sua existência, a arte bizantina que era advinda do cristianismo, helenismo e orientalismo, se caracterizou por diversos fatores, como por exemplo a dualidade na arte, que era marcada por ser rica, grandiosa, refinada, ao mesmo tempo que havia também a arte religiosa, que sob influência monástica, se tornou emotiva e mística.

Caracterizada também pela profunda inspiração religiosa, que desde o surgimento do império se mantinha sob a ótica do cristianismo, assim a arte ia além de um espetáculo visual, ela era meio de ensino das verdades da fé. A influência oriental também estava presente, conferindo um marcante traço espiritual e transcendental. O tradicionalismo estava na reprodução de modelos consagrados e aceitos, principalmente na representação dos ícones sagrados. É importante ressaltar que entre os séculos VI e IX o imperador Justiniano elevou a arte a um dos seus pontos mais altos, fazendo dela uma verdadeira arte imperial, que representava o poder, a grandeza e a autoridade do império.

Após o século VI o edifício bizantino no exterior era de austera simplicidade, já no seu interior era que o artista esbanjava sua criatividade, em jogos e contrastes de luz e cor. As características mais presentes na construção bizantina eram, o plano centralizado que era padrão para atender ao culto, abóbadas múltiplas, como eram usadas em edifício públicos, a cúpula, vinda dos edifícios romanos e persas, a coluna reforçada pela imposta e o contraste entre o interior riquíssimo e o exterior despojado. Dessa maneira, era em meio a essas construções que haviam grande parte das iconografias da época.

Não podemos deixar de mencionar que, no império bizantino a religião era quem fundamentava o poder imperial, motivava e justificava sua política exterior, e

regia os temas e significados da produção artística cultural. O império era tratado como uma antecipação do Reino dos Céus.

No mais, trabalharemos estas questões citadas em formas seções, sendo divididas em quatro. A primeira tratará de como a historiografia tem interpretado as relações entre política e religião para entender a produção de fontes iconográficas no Império Bizantino. A segunda trará questões sobre a arte sacra e arte religiosa, produção iconográfica no império para que possamos compreender a importância dessa arte como meio de propagação de interesses políticos e religiosos, e como elas eram distintas entre si. Na terceira será feita uma análise das representações e simbolismos presentes na imagem de Cristo Pantocrator. E a quarta tratará de discutir os simbolismos presentes nas fontes iconográficas cristãs.

SEÇÃO I – A CONCEPÇÃO DE TEOLOGIA POLÍTICA NO IMPÉRIO BIZANTINO

Figura 1: Mapa territorial do Império Bizantino.



Fonte: Império Bizantino. In Britannica Escola. Web, 2019. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Império-Bizantino/480872>>. Acesso em: 7 de junho de 2019.

O Império Romano do Oriente ou “Império Bizantino”, surgiu a partir da desestruturação do império romano do Ocidente. Segundo Angold, a civilização bizantina foi muito mais original e criativa do que em geral lhe creditam. Suas igrejas desafiavam em originalidade os templos clássicos e as catedrais góticas, e os seus mosaicos e produções iconográficas se destacam no mundo da arte. O autor ressalta que o mosaico da Virgem com o Menino Jesus na abside permanece entre as maiores obras da arte bizantina.

Para compreendermos melhor os significados presentes nas produções iconográficas de Jesus, teremos que primeiro analisar os aspectos da política

teocrática do Império Bizantino, os seus aspectos de cunho político-cultural que correspondem a um conjunto de pensamentos, leis, comportamentos sociais e culturais afinados aos projetos políticos dos imperadores bizantinos. Analisar esses aspectos se faz extremamente importante, pois a simbologia iconográfica vai muito além de uma expressão artística religiosa, ela reúne diversos interesses políticos e econômicos, retratando principalmente as vontades do Imperador.

Tal estudo nos permite entender as relações entre política e religião no império bizantino, sobretudo como os imperadores orientais fundamentaram seus projetos de poder em princípios e valores religiosos. Defendemos que, os processos de centralização política do império bizantino não estão dissociados da adesão ao cristianismo. Segundo Hilário Franco e Ruy Andrade Filho, tal estudo também nos permite compreender como este império expandiu o seu domínio por diversas regiões, deixando um legado cultural que se propagou em uma dimensão imensa. As principais características eram a língua grega, uma vida material regida pelo luxo, uma cultura refinada, e no que diz respeito a sua política, um Imperador que era considerado como o vice-rei de Deus, aquele ao qual foi escolhido para representar o reino celestial na terra. Para os bizantinos, a religião era um ponto crucial em suas vidas, o cristianismo exercido por eles era ao mesmo tempo fonte de sentimento e de reflexão.

Nesse cenário, segundo Hilário Franco a religião cristã era quem fundamentava todo o poder imperial, servia como motivação e justificativa para toda a produção cultural. Era ela também que regia a economia do império, determinava o cotidiano dos indivíduos desde o seu nascimento. Além disso, o poder do governante se afirmava através da força que a igreja possuía, força essa que era formadora de relações importantes entre a ela e o imperador, como o ponto crucial para o firmamento de acordos políticos e sociais.

Mais do que isso, o Império era – daí sua importância e sua razão de ser – uma antecipação do Reino dos Céus, uma cópia imperfeita, mas que preparava os homens para aquele. Para tanto deveria ser justo e crente, mas, e assim os bizantinos explicavam o fracasso político do império, como ele fora dominado pelo pecado, Deus puniu essa cópia terrestre que se afastara demais do modelo celeste, destruindo-a. (FRANCO JÚNIOR; ANDRADE FILHO, 1987, p.13)

Sendo assim, a religião pode ser percebida como o principal meio de integração entre esses povos para a manutenção político-administrativa do Império Bizantino.

Pois essa visão de que o império seria uma antecipação do Reino dos Céus embutia no imaginário das pessoas que o assim como a Deus, eles deveriam dedicar toda a sua fé e obediência também ao imperador.

Como elenca Hilário Franco, o imperador Justiniano foi uma das figuras mais importantes desse império e responsável pela unificação da grande maioria dos povos que lá se encontravam ao cristianismo, ou seja, no Império Bizantino a religião que prevalecia era o cristianismo niceno, tendo o imperador como uma manifestação visível da divindade, isso poderia ser visto nos ícones iconográficos daquela época, onde em geral a figura do imperador estava ao lado de Jesus Cristo e Maria, o monarca teria a missão de proteger a comunidade cristã, e também tinha o direito de governar como autoridade maior por ser o escolhido no plano terreno pela “vontade de Cristo”.

Assim, havia uma fusão tipicamente bizantina entre o temporal e o espiritual expressa por meio dessas fontes iconográficas, que depositava nas mãos do imperador e do patriarca poderes que regiam toda a sociedade da época. A intervenção dos monarcas na vida política e social bizantina, como também na própria Igreja, era bastante aceita, principalmente pelo fato destes serem considerados intérpretes divinos que poderiam definir leis e dogmas.

Desde o século V, quando não havia imperador ou imperatriz vivos para coroar o sucessor, isso era feito pelo patriarca. No caso de minoridade do imperador, o patriarca era figura obrigatória no conselho de regência, a que muitas vezes presidia. Ainda que de maneira geral ao longo da história bizantina ele tenha permanecido numa posição secundária em relação ao imperador, o patriarca podia, e o fez algumas vezes, discutir e criticar atos do governo, impor penitências ao soberano, interditar-lhe os ofícios religiosos e até excomungá-lo. (FRANCO JÚNIOR; ANDRADE FILHO, 1987, p. 14)

O excerto acima mostra que o poder episcopal podia ocupar um patamar semelhante ao poder imperial, situação que reforça a cooperação entre o governo imperial e os bispos na condução da política bizantina. Ademais, a mentalidade bizantina, percebida pela literatura cristã esteve mais voltada para as discussões acerca da Graça, da relação direta com Deus, ou seja, como um sentimento de presença do sagrado entre os homens. Isso acabou refletindo na concepção de um Estado, visto como uma organização celeste na Terra. Até mesmo a liturgia na igreja não era meramente uma representação, mas uma renovação da presença divina.

Além disso, essas concepções apareciam também na arquitetura das igrejas ortodoxas, que possuíam uma cúpula representando o céu onde se coloca uma pintura ou mosaico do Cristo Pantocrator Todo-Poderoso) no qual do alto observava os fiéis.

Os Patriarcas e os Imperadores da primeira Era de Ouro Bizantina (séculos IV-IX), esses agentes de poderes institucionais e obedientes aos rituais de corte e aos protocolos imperiais, constituem-se figuras essenciais para o entendimento do direito e da política em uma época que se respirava as formalidades de corte, ainda mais quando comungavam de uma mesma tarefa: cristianizar todo o império. Na aparente convivência entre esses dois corpos jurídicos das instituições bizantinas, desdobradas em Igreja e Império, escondia-se uma aliança de institucionalidades onde a mútua cooperação, cumplicidade e, por vezes, subordinação, se davam de forma protocolar, exteriorizadas nos diversos rituais e celebrações. (TAMANINI, 2016, p.159)

Os que questionavam a autoridade do imperador e do patriarca tornavam-se cidadãos subversivos a pena, pois as ordens do imperador, eram concebidas como expressões da vontade de Jesus Cristo. Dessa maneira, o movimento de cristianização do Império Bizantino se dava de maneira bem diferenciada. Pois, a composição institucional era atrelada ao Imperador e seu séquito, que juntamente com os clérigos e religiosos, formulavam os escritos, os ritos, as pinturas, produções iconográficas, os cantos e tudo que se referisse ao cristianismo.

A aliança entre o imperador e o patriarca da igreja, era de suma importância para a manutenção do poder, ao mesmo tempo que esses eram responsáveis pela salvação do seu povo e pretendiam reger o império de maneira centralizadora e reguladora. A expressão da presença divina era tão grande no cotidiano bizantino que o culto as relíquias era o que mais se destacava. As relíquias eram vistas como pedaços de corpos santos ou objetos que tinham tido contato com eles. Dentre essas relíquias, as de Jesus eram as mais cultuadas.

De Cristo tinham os cueiros, a camisa, a faixa, o cinto, as sandálias, a túnica, o sudário, uma garrafa com o seu sangue, a cruz, os pregos, a coroa de espinhos, a lança. Possuía-se até mesmo a bacia na qual Ele tinha lavado os pés dos discípulos e a toalha que usara para os enxugar. (FRANCO JÚNIOR; ANDRADE FILHO, 1987, p. 22)

Nessa perspectiva, devemos ressaltar as formas de aliança entre o imperador e o patriarca. A principal delas se dava por meio de uma cerimônia solene, na qual o

monarca era coroado pelo líder religioso. Dessa maneira, a religião e o Estado estariam intrinsecamente ligados. A fusão do império se dava pelo meio temporal e espiritual, o imperador tinha influência imperial nos assuntos religiosos, prova disso era que os concílios da Igreja Ortodoxa eram convocados pelo próprio imperador e não pelo patriarca de Constantinopla.

Os ritos mostravam essa aliança, esse consórcio entre instituições que agiam em nome de uma fé cerimoniosa. O espetáculo religioso tinha lugar e tempo certos para a exposição: as Catedrais e o Salão Nobre do Palácio imperial. A entrada solene do imperador, por exemplo, dava-se junto com a do Patriarca. Nas catedrais, o Patriarca ocupava o trono do lado direito estando a sua frente o do Imperador. No Palácio, o trono do imperador estava à frente de todos enquanto o lugar de distinção do Patriarca era a sua esquerda. Após a entronização do Imperador e do Patriarca, os clérigos se aproximavam de ambos para beijar-lhes as mãos. Sem levantar a cabeça, se aproximavam em dupla do Patriarca, inclinavam-se e prostravam-se até o chão para, em seguida, fazer o mesmo com o Imperador. (TAMANINI, 2016, p. 164)

Diante disso, fica claro que Tamanini defende que as concepções políticas de Bizâncio estavam tão ligadas à sua visão religiosa, que o imperador seria o prolongamento humano de Deus, e deveria regular toda a ordem social. Os seus atos eram atribuídos um caráter divino. Desse modo, essas concepções eram demonstradas através de pinturas, afrescos, retratos, entre outras produções iconográficas, de uma maneira que retratasse os simbolismos religiosos que havia por trás destas, demonstrando que o imperador era um ser agraciado pela divindade.

O Império Bizantino se constituía-se assim como um Estado autocrata, pois ao deixar grandes poderes nas mãos do monarca, Bizâncio buscava uma fórmula de solução para sua conturbada história, o que acabou trazendo também muitas de suas crises. Esses traços de poderes divinos trouxeram para o imperador a partir do século VII o título de basileus, que seria que aquele detentor de autoridade absoluta, sobretudo política e religiosa.

Nesse sentido, como nos informa Hilário Franco Júnior, “em princípio o imperador era eleito pelo Senado, pelo Exército e pelo Povo de Constantinopla” (pg. 34). Mas, como não havia uma sucessão parental definida, o imperador deveria escolher ainda em vida o seu sucessor. Contudo, o Senado e a assembleia aristocrática mantiveram o seu poder apenas nos séculos VI e VII. Com o passar dos anos, elas foram perdendo o poder para o imperador, e a sua função era reverenciar-

se a ele. Essa ideia de que o imperador era o escolhido de Deus, também deixava brechas para golpes, pois se um indivíduo conseguisse mata-lo e tomar o trono, esta ação seria legitimada, pois se deu certo então seria vontade divina.

Aquele enorme poder imperial tinha apenas duas limitações estabelecidas pelo costume. A primeira era um juramento que o imperador deveria fazer quando de sua coroação, comprometendo-se a respeitar os decretos dos Sete Concílios Ecumênicos e os direitos e privilégios da Igreja. Por decorrência de seu poder sagrado, o imperador era a fonte de todo o direito, o único legislador, a “lei encarnada”. (FRANCO JÚNIOR; ANDRADE FILHO, 1987, p. 36)

Dessa forma, o Império Bizantino ficou marcado uma complexa rede de relações, que envolviam a Igreja e o Estado. Com a justificativa de que o imperador seria o representante divino na terra, entrou para o imaginário da sociedade de Bizâncio a ideia de fidelidade tanto para com o patriarca como ao imperador, tendo sempre que obedecer às suas ordens. Com isso, posteriormente as produções iconográficas também iriam refletir essa aliança, e os interesses que advinham de ambos em representar os ícones religiosos e verdadeiros reflexos dos imperadores.

SEÇÃO II – A ARTE SACRA E RELIGIOSA: PRODUÇÃO ICONOGRÁFICA NO IMPÉRIO BIZANTINO

Por influência desta concepção religiosa aliada com a política do império, em Bizâncio a produção artística era bastante importante para a manutenção do poder imperial, pois em grande parte os ícones representavam interesses particulares do imperador, e transmitia mensagens e ensinamentos religiosos. Assim, a arte cristã no Império Bizantino envolve uma série de produções iconográficas que tratam dos elementos cristãos, tais como santos, a representação da Virgem Maria, entre outros. E tem como elemento central a figura de Jesus Cristo, seus ensinamentos e a religião deixada por ele. É no mundo cristão que se encontra a maior dedicação e inspiração do artista bizantino.

Nesse cenário, a arte cristã terá seu apogeu depois que Constantino se declara cristão e, então, os seguidores dessa nova fé se acham livres para cultuar nas igrejas. É a partir daí que tanto na arquitetura como nas demais produções artísticas, se produzirá uma arte rica em detalhes, repleta de simbologias e elementos a serem decifrados, e sempre pontuada pela preocupação em mostrar Jesus Cristo como um verdadeiro “soldado de Deus”, tal como o imperador.

A autora Wilma Tammasa, aborda que nos primeiros séculos do cristianismo até o século VI houve a gênese de uma arte simbólica cristã, que teria como objetivo levar o fiel a contemplar o Reino de Deus, ou seja, o mundo que transcende ao natural. Desse modo, surgiu uma arte que deveria representar na terra o Reino de Deus e que acompanha o cristão ortodoxo em sua vida, o levando a crer que a parcela da Igreja no mundo: é uma imagem que traz consigo a mesma mensagem da Sagrada Escritura e é uma presença real da santificação. Nesse sentido, o ícone transmite o conteúdo da Sagrada Escritura não apenas como uma de forma de ensino teórico, mas sim de uma maneira litúrgica, isso é, de um modo vivo, que se dirige a todas as faculdades do homem. Além disso, o ícone é uma escola de olhar que por meio de cores, símbolos e de perspectiva inversa, se abre à transcendência, introduz o fiel que o contempla ao invisível, ao essencial denominado hipóstase, (o que está sob a substância), à Presença divina.

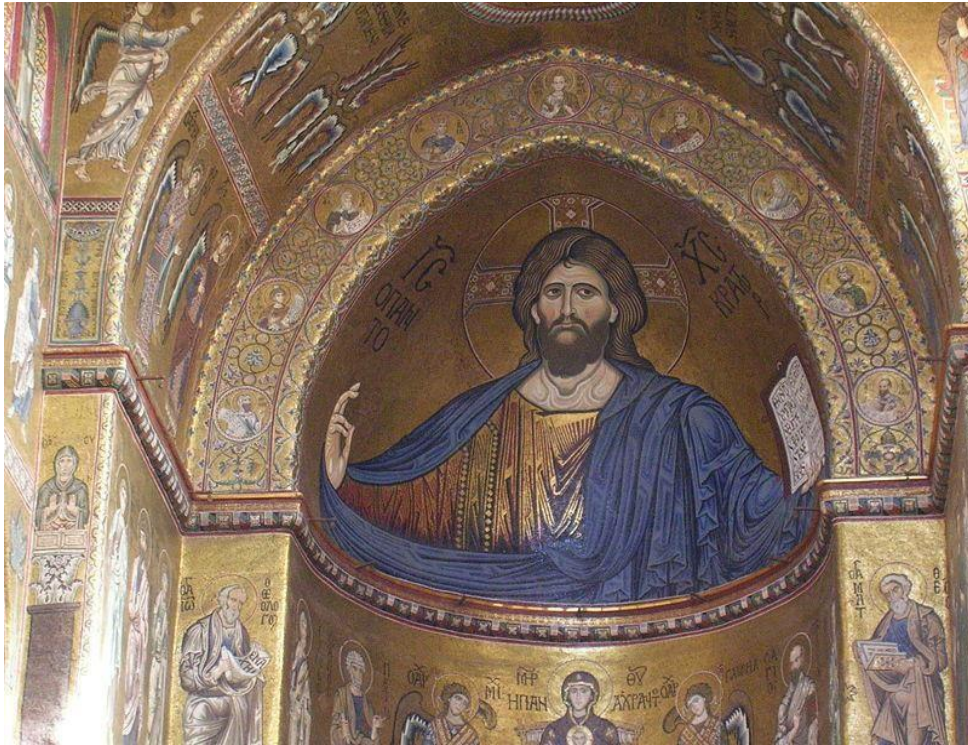
No mais, até Constantino, século IV, as pinturas cristãs apresentavam as mesmas características: alguns traços em uma gama restrita de cores e algumas luzes

que exprimiam o essencial. É uma busca consciente do mundo espiritual que faz com que se afaste de todo naturalismo. A igreja até então não havia elaborado ainda a dimensão do mistério da Encarnação (Deus que se fez Homem) que oferece o fundamento para a veneração dos ícones. Aos olhos dos ortodoxos, a veneração dos ícones está fundada sobre a certeza da Encarnação de Deus no homem de Jesus de Nazaré. Na medida em que Deus se revela através do humano, é possível representá-lo visivelmente. É nesse cenário, que surgem produções na arte sacra e na arte religiosa do império bizantino, que embora pareçam ser iguais, estas possuem aspectos distintos.

A arte sacra é o que podemos denominar como imagens de culto. O objetivo dessas imagens de culto é a presença de Deus, senti-lo presente. Neste tipo de arte, é aplicado o sentido da majestade, do inacessível, do temível. A arte religiosa também se refere a Deus e os santos, porém, essa referência acontece por meio dos sentimentos da pessoa que cria tais obras. Neste tipo de arte é permitida a utilização do profano, tomando em contra a liberdade e anseio do artista em passar sua mensagem. (BARRETO, ALEXANDRE, 2009, p. 21)

Assim, podemos perceber que a arte sacra produzida no império ia muito além de uma produção meramente artística. Esta tinha uma forte ligação com a liturgia e o espaço sagrado. Pois, ao produzi-la deveria se entender que essa arte, não se inicia apenas da experiência de vida humana, mas sim de um objetivo total de experiência divina. Como exemplos de arte sacra do império bizantino, podemos citar: o Cristo de Montreal, a Madona de Torcello, ou o Bom Pastor de São Apolinário, e tudo o que houver semelhante a essas obras em pinturas, mosaicos, esculturas.

Figura 2: Cristo Pantocrator



Fonte: Disponível em:

<http://iconografiascristas.blogspot.com.br/2011/03/pantokrator-jesus-cristo.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

Figura 3: Mãe de Deus



Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/iconografiabizantina/480872>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

Figura 4: O Bom Pastor



Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/iconografiabizantina/480872>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

O objetivo dessas imagens de culto se dá principalmente em sentir a presença de Deus. Dessa maneira, as imagens de culto não necessitariam de serem questionadas, não precisariam de explicações de quem fez ou porque as fez. Pois, elas se bastariam, teriam a sua própria autoridade. Então, podemos perceber a arte sacra como uma arte cosmológica ou ontológica, e não uma arte sentimental ou psicológica. A arte sacra vai além dos sentimentos do próprio artista, ela é tida com uma arte da realidade, que vai muito além do entendimento humano.

Diferentemente da arte sacra ou imagem de culto, a arte religiosa ou arte de devoção não transmite diretamente suas pinturas à realidade sagrada, mas sim à realidade que foi experimentada. Esse tipo de arte demonstra uma vida pessoal cristã, com sua fé, lutas e questões internas. A arte religiosa também se refere a Deus e os santos, porém, ela representa melhor os sentimentos do artista que a produz. Desse modo, a arte religiosa é a feita sob o olhar do artista, pois não há um regimento ou imposição do clero que dite a forma que ela tem que ser produzida, a iconografia religiosa retrata mais um lado humano do que divino. Contudo, é importante percebermos que a arte como um todo, sendo sacra ou religiosa vem dotada de mistérios que estão lá para serem decifrados, escondidos nas obras de arte, mistérios e interesses políticos estão embutidos nessas produções.

SEÇÃO III – CRISTO PANTOCRÁTOR

Nesta seção serão tratadas as questões que dizem respeito aos simbolismos presentes nas iconografias de Jesus Cristo. Iremos analisar os traços, cores e símbolos presentes, como também, os interesses políticos-culturais por trás dessas representações. Assim como essas produções artísticas eram utilizadas como forma de manutenção do poder imperial.

Devemos nos atentar para o fato de que, os ícones bizantinos são pensados numa perspectiva que vai além de ser um objeto material, este foi pensado a partir do século III e foi usado principalmente como forma de manutenção do poder imperial, que tratava de consolidar o pensamento estratégico de Bizâncio através das imagens. Além disso, foi desde o século IV, também um artifício que promoveu devoções cristãs e fez despertar práticas religiosas protocolares. Atualmente, os ícones bizantinos também representam uma forma de arte que remete a um tempo em que o Império Romano no Oriente vivia seu apogeu. No que diz respeito aos símbolos, uma vez que são captados pelos olhos da fé dos que ainda se creem legatários desse patrimônio cultural, são capazes de emitir signos que necessitam ser decifrados por olhos e mentes treinados para poder significar.

Nesse sentido, o homem se comunica através de símbolos, estes por sua vez, carregam grande quantidade de significados e interpretações, assim como os ícones que representam Jesus Cristo. Desse modo, o presente trabalho tem por objetivo perceber a relação entre a simbologia iconográfica e a arte bizantina, como também os significados das cores, dos traços e conhecer as intenções políticas e religiosas que há por trás destas.

Dessa maneira, ao se deparar com um Ícone de Cristo, um cristão sente que ali está a presença de Deus, pois a representação iconográfica que está na sua frente é, ao mesmo tempo, uma encarnação do Divino, que, por si só, inspira o respeito nos crentes. Mas um crente noutra religião, um agnóstico ou um ateu, precisam de conhecer a tradição e as práticas cristãs para entender perfeitamente o significado desse símbolo no contexto em que se enquadra, contexto este, que envolve várias questões além de religiosas.

No tocante às imagens bizantinas, devemos pensa-las sem cair em transgressões e rupturas de limites, pois, o ícone religioso promove uma série de

deduções e interpretações acerca do seu significado, os signos emitidos pelos ícones descansam em uma inteligibilidade promotora de outras apreensões cognitivas: as de cunho religioso e político. A imagem bizantina como materialidade de um saber testado pelo tempo e pelos pensadores, representa para a História também uma fonte repleta de códigos e simbologias que escondem algumas mensagens, sendo estas de interesses religiosos e políticos, principalmente no que diz respeito a relação do imperador com a igreja, que era refletida nas imagens.

Nessa perspectiva, o autor Michael Angold elenca que os imperadores bizantinos haviam cada vez mais adotado a ideia helenística de que o imperador participava do divino. Estes seriam o ponto de interseção entre a divindade suprema e a sociedade romana.

Na patriarcal Igreja de Santa Sofia, o imperador e o patriarca reconheciam suas obrigações mútuas. O lado secular da autoridade imperial era exibido no hipódromo, onde o imperador se unia a seu povo em comemorações de vitória. No palácio imperial, ele era a personificação da majestade terrena, a encarnação da lei, o herdeiro do Imperador Augusto, mas também o legatário da conversão de Constantinopla ao cristianismo. Era aí que se via com mais obviedade o imperador como vice regente do Deus cristão na terra. O palácio imperial de Constantinopla recebeu, portanto, um cunho cristão especial. Sob o Imperador Teodósio II (408-50), começaria a se tornar uma tesouraria de relíquias. (ANGOLD, 2002, p. 24)

Assim sendo, transformar o palácio imperial num lugar de veneração cristã foi um meio de colocar a autoridade às suscetibilidades cristãs. Pois, Angold ressaltou, que a arte era usada como forma de disseminar mensagens em favor das finalidades do império. “Os retratos imperiais foram colocados em locais públicos por todo o império, e era normal prestar as mesmas honras tanto à imagem quanto à pessoa imperial” (ANGOLD, 2002, p. 27). Ou seja, a iconografia era usada como forma de comunicar uma complexa ideologia imperial que enfatizava a aprovação divina.

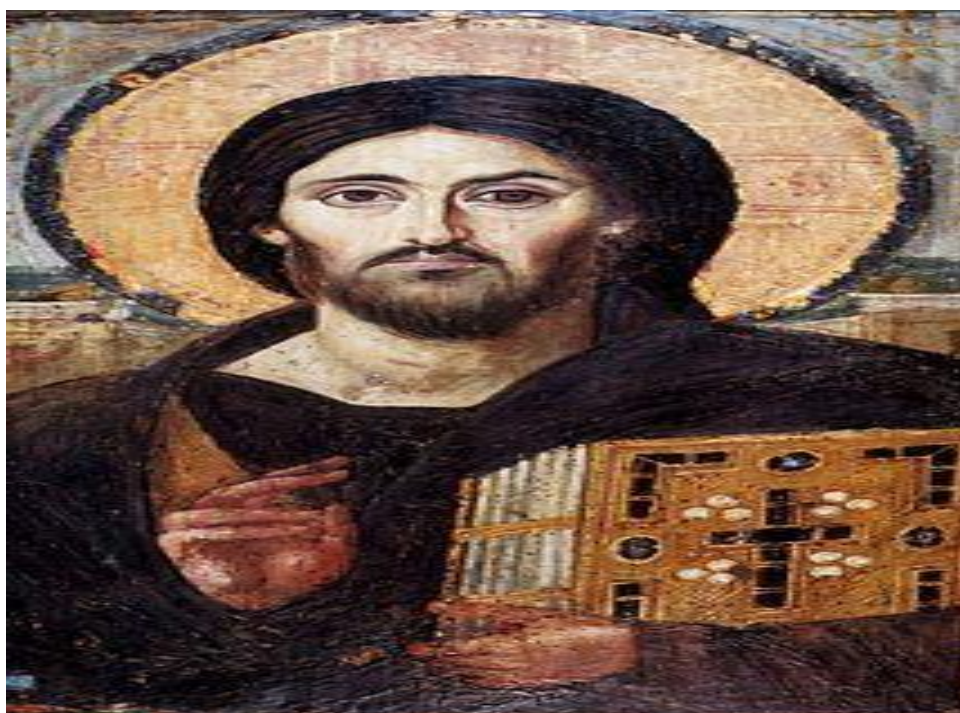
A imagem, contudo, não era apenas essencial no culto dos santos; também parecia unificar todas as facetas da prática religiosa cristã em Bizâncio. Podia ser usada para comunicar o sentido da fé em seus diferentes aspectos. O papel essencial que passaram a assumir as imagens era enfatizado pela maneira como algumas adquiriam poderes miraculosos. Um resultado extraordinário, mas bastante lógico,

assim que se aceitou que a imagem oferecia um meio de comunicação com o mundo espiritual. (ANGOLD, 2004)

O autor Alexandre Barreto no seu texto sobre o Simbolismo na arte cristã do período bizantino, trata como os símbolos neste período se apresentavam nas cores, cada uma com o seu significado, e nas formas do rosto, corpo, braços, representadas nas imagens simbolizando algo relevante ao sagrado, assim, a arte foi fundamental com seus símbolos, ícones, cores e formas para a difusão do cristianismo pelo mundo, até os dias de hoje. Aliado a isso, ressalta que o cristianismo utiliza muitos símbolos como, por exemplo, a pomba, o cordeiro, o fogo, as auréolas, o batismo, o peixe, a cruz, a figura de Jesus Cristo, estes tratados sempre através de pinturas, esculturas, afrescos e outros.

Nessa perspectiva, surge a figura do Cristo Pantocrator, que é aquele tido como Todo-Poderoso, que em uma das mãos abençoa e com a outra segura o livro que diz “Eu sou a Luz do mundo”. Devemos elencar que essas iconografias eram colocadas em lugares visíveis por toda a cidade, pois além de terem um significado religioso, também representavam a presença do Imperador e todo o seu poder.

Figura 5: Imagem de Cristo Pantocrator do século VI



Fonte: Disponível em: <http://iconografiascristas.blogspot.com.br/2011/03/pantokrator-cristo.html>. Acesso em: 10 out. 2018. jesus-

Na primeira imagem de Cristo Pantocrator do século VI, como também a segunda imagem do século VII que é um dos mais célebres mosaicos Bizantinos que se encontra na Basílica de Santa Sofia na antiga Constantinopla, podemos perceber a simbologia que há por trás delas, o significado das cores e traços que estes nos repassam. Como por exemplo, a cor dourada que sempre está presente nos ícones, que simboliza a luz divina, os olhos grandes que significam que através deles a verdade está sendo enxergada, a boca fechada, para não dar nem um tom de sensualidade ao ícone, a cabeça grande para simbolizar que estes possuem uma inteligência superior à dos humanos.

No mais, a autora Wilma Tammaresa ressalta que nos ícones os dedos desproporcionalmente longos, assim como o corpo filiforme indicam com alegria a desmaterialização e revelam o fluxo de uma intensidade espiritual que fulgura em todo o ser. A auréola dourada da cabeça simboliza o esplendor da luz divina naquele que vive na intimidade de Deus. Sem querer despertar emoção ou sentimento, a imobilidade do ícone, — aparentemente estática quer apenas demonstrar a dinâmica da vida interior. Mais interessado na alma que no corpo o ícone mostra o efeito do Espírito Santo sobre o homem que foi transformado à semelhança divina.

Em paralelo a esse mesmo estudo, o trabalho de Manuel Vega “A simbologia do ícone Bizantino” trata dessas mesmas questões iconográficas, de como cada detalhe representado possui uma significação. Além disso, ressalta-se que os iconógrafos, escritores e não pintores dos ícones, posto que estes são escritos e não pintados, não podem usar livremente as cores nem lhes dar tonalidades diversas, tão pouco podem obscurecê-los com sombras, pois devem aplicar a cor que está previamente determinada.

Segundo o autor, foram estabelecidos manuais de como usar as cores nas pinturas, pois, o dourado na iconografia bizantina representa-se a luz de Deus, todos os fundos estão cobertos desta cor, como também o manto e a túnica do Pantocrátor, do Teothokos, ou Mãe de Deus, alguns arcanjos e Santos. O branco é a luz, é a cor da Nova Vida, no ícone da Ressureição a túnica de Cristo é desta cor. O preto representa o vazio, o caos, a morte pois sem luz a vida cessa. O vermelho tem sido amplamente utilizado pelos iconógrafos nos mantos e túnicas de Cristo e dos mártires, também simboliza o sangue do sacrifício e do amor. Além disso, nos ícones a figura humana revela uma carência total do realismo, buscando mostrar a realidade

espiritual destas pinturas, posto que a beleza interior tem primazia sobre a estética, cumprindo assim sua missão evangelizadora.

O referencial para a pintura dos ícones de Cristo é a tradição da face acheropta, ou seja, não feita por mãos humanas. Segundo essa tradição oriental, o próprio Cristo teria feito surgir uma representação do seu rosto numa toalha, na qual enxugara seu suor. Essa toalha teria sido encaminhada ao rei Agbar, de Edessa, através de um funcionário seu. Foi essa imagem que serviu de modelo para toda a produção iconográfica posterior. (VIANA, 2007, p. 50)

Além disso, podemos perceber que as representações de Jesus Cristo no Oriente apresentam diferenciações e singularidades em comparação as representações do Ocidente, pois, a iconografia oriental nos transmite a imagem de um Cristo imponente, Todo-Poderoso, um verdadeiro soldado divino, com uma aparência mais velha e séria. Isso se deve ao fato de que, no império bizantino o imperador era considerado como o Vice-Rei de Deus, o representante divino na terra, desse modo, por trás dessas representações iconográficas haviam também o interesse em representar Jesus como a figura de um imperador, que exercesse a sua posição de comando, para refletir a imagem do monarca. Já no Ocidente, as representações de Cristo costumam mostrar ele como um ser mais humanizado, que está mais próximo de nós, sendo assim, é bem comum representa-lo sendo crucificado, em situação de sofrimento ou tendo algum tipo de contato com as pessoas.

Figura 6: Mosaico bizantino do século VI



Fonte: Disponível em: <<http://iconografiascristas.blogspot.com.br/2011/03/pantokrator-jesus-cristo.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

O mosaico bizantino do século VI, conhecido como O Cristo militante, representa Jesus como um legítimo soldado bizantino, um súdito do imperador, que se utiliza da cruz (espada) e da Escritura (escudo) como instrumentos de defesa do Império e de combate aos inimigos que pisoteia, representados no leão (pagãos e heréticos) e na serpente (judeus). Nesse período da Idade Média, os desvios religiosos eram, também, crimes contra o Estado. Em seu escudo, lê-se, em latim, uma passagem do Evangelho de João: "Ego sum via, veritas et vita" ("Eu sou o caminho, a verdade e a vida").

Assim sendo, o Cristo Pantocrator nos remete como um produto de uma cultura romana mesclada à cultura do oriente. Pois, além de seus traços orientais, ele veste um manto escuro no lugar da toga romana. A imagem deste é um discurso que vincula os conceitos divinos e humano na figura de Cristo, a criar o efeito de que Jesus é uma divindade nascida da carne. Ao mesmo tempo que este legitima e fundamenta o poder imperial.

Figura 7: Cristo Pantocrator



Fonte: Disponível em: <<http://iconografiascristas.blogspot.com.br/2011/03/pantokrator-jesus-cristo.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Percebe-se que os lados do rosto deste Cristo são assimétricos, o lado direito é jovem e iluminado e o lado esquerdo, sombreado, tem uma aparência envelhecida em relação ao lado direito. O lado direito representa o aspecto divino de Cristo, marcado pela luz e pela juventude; o lado esquerdo remete ao aspecto humano de Cristo, marcado pela sombra e tocado pelo envelhecimento que acomete os homens. (BAQUIÃO, p. 67)

Figura 8: Expressão humana e concreta do legislador, defensor e governante dos céus, que escolhe e unge seus representantes (vice-reis de Deus) no mundo terreno



Fonte: Disponível em: <<http://iconografiascristas.blogspot.com.br/2011/03/pantokrator-jesus-cristo.html>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Ao nos depararmos com esta figura podemos perceber vários pontos importantes. Assim como o autor Armindo Trevisan ressalta que a intenção dos artistas bizantinos era chamar a atenção dos espectadores para a representação de que Deus domina toda a criação, que Ele abrange e contém tudo em si, e de que olhando para aquela imagem poderiam assemelhar a figura do imperador, este no qual também possuía enorme poder sobre as pessoas. É nesse sentido que

percebemos como os símbolos transmitem grande poder sobre aqueles que os observam. Como é elencado pelo autor Pierre Bourdieu:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral. (BORDIEU, p. 10)

Dessa maneira, percebemos que a transmissão dessas representações imagéticas são quase sempre relações de poder. O poder material ou simbólico atribuído a esses agentes são instrumentos de comunicação e até mesmo de evangelização. Mas que não deixam de ter a sua função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação de uma classe sobre outras.

Como podemos perceber, os ícones deixaram de ser uma obra meramente pictórica para converter-se em um objeto litúrgico, pois seu significado está muito além do que o olhar pode perceber à primeira vista, existe ali uma profunda simbologia que está sustentada por textos tomados das Sagradas Escrituras, que os iconógrafos interpretavam ao “pé da letra”, seguindo os manuais canônicos, pintando e esculpindo cada traço, cor, forma e relevo de acordo com o que a igreja propusera. Dessa forma, nada ali era posto por acaso, sempre havia uma intenção simbólica por trás. Sendo essas intenções para retratar e exaltar a figura do monarca com representante divino, pondo as imagens de Jesus como verdadeiro reflexo de um ser imponente, todo poderoso, um verdadeiro soldado divino. Portanto, percebe-se como os símbolos no período bizantino se apresentavam nas cores, cada uma com o seu significado, e nas formas do rosto, corpo, braços, representadas nas imagens simbolizando algo relevante ao sagrado, assim, a arte foi fundamental com seus símbolos, ícones, cores e formas para a difusão do cristianismo pelo mundo, até os dias de hoje.

SEÇÃO IV – SIMBOLISMOS PRESENTES NAS FONTES ICONOGRÁFICAS CRISTÃS

Nesta última seção trataremos de analisar as demais produções iconográficas religiosas que eram produzidas no império, para além da figura de Cristo. Para que assim possamos refletir a cerca de como Igreja e Estado estavam intrinsicamente vinculados, e quais eram as simbologias presentes nessas demais iconografias.

Como já foi mencionado anteriormente, nas imagens produzidas sempre haviam muitos significados, como as de Jesus e Maria que geralmente aparecem caracterizados com um rei e uma rainha, vestidos de maneira luxuosa e com expressões que remetem todo o seu poder e a sua inatingibilidade. Assim sendo, as demais figuras religiosas que são representadas, também possuem diversos simbolismos, que levam ao observador mensagens de evangelização e de manutenção do poder imperial.

Para Bourdieu (Cf. Pesavento,1995, p.15), as representações mentais envolvem atos de apreciação, de conhecimento e reconhecimento e constituem um campo onde os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural. O autor evidencia mais às estratégias de poder, no sentido de que as representações objetais, expressas em coisas ou atos, são produtos de estratégias de interesse e manipulação.

Ou seja, no domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além daquele manifesto. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência a um 'outro' ausente. O imaginário enuncia, se reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. Este processo, portanto, envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações (Castoriadis), processo este que envolve uma dimensão simbólica (PESAVENTO, 1995, p.15).

Nesse sentido, devemos perceber como as iconografias produzidas no império bizantino se reportavam ao imaginário de uma determinada sociedade em uma determinada época. E esse imaginário enquanto representação nos mostra vários sentidos que vão muito além do aparente.

A autora Neomir Doopiat Gasperin ressalta que A veneração a Mãe de Deus se deu principalmente por a sua maternidade divina e a união com a pessoa e obra

do Filho, em virtude disso é produzida no império várias iconografias que a representam. Ou seja, Maria está sempre dentro de um plano cristológico. Assim, A Theotokos ocupa um lugar de destaque na Igreja e nas iconografias bizantina como também na liturgia e na teologia. Poucos são os ícones em que a Mãe de Deus aparece sozinha. A maioria a traz acompanhada de seu Filho.

Figura 9: Iconografia Bizantina.



Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/iconografiabizantina/480872>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

Figura 10: Iconografia Bizantina.



Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/iconografiabizantina/480872>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

O que podemos observar nessas imagens é todo o semblante de soberania que é transmitido nos rostos das figuras representadas. Maria é colocada ao lado do imperador e do patriarca, para que assim os fiéis percebam como ambos ocupam posições de poder e de superioridade. Reforçando ainda mais os laços entre a Igreja e o Estado.

Ao exigir dos artistas que pintavam imagens sagradas que respeitassem estritamente os modelos antigos, a Igreja Bizantina ajudou a preservar as ideias e realizações da arte grega nos tipos usados para roupagens, faces ou gestos. Se observarmos um retábulo bizantino da Santa Virgem, talvez nos pareça muito distante das realizações da arte grega. No entanto, o modo como as pregas do manto se desdobram em torno do corpo e irradiam em redor dos cotovelos e joelhos, o método de modelar a face e as mãos acentuando as sombras, e mesmo a amplidão circular do próprio trono

da Virgem, teriam sido impossíveis sem as conquistas da pintura grega e helenística. (GOMBRICH, 1978, p. 87)

Dessa forma, Gombrich ressalta que mesmo que houvesse uma certa rigidez, poderíamos perceber que a arte bizantina se comportava de maneira mais próxima da natureza do que a arte ocidental em períodos posteriores. Pois, em Bizâncio havia uma tradição de se respeitar certas formas de se representar Cristo ou a Virgem, o que acabava tornando difícil para os artistas bizantinos desenvolverem suas subjetividades. “Foram eles, de fato, que transformaram as simples ilustrações da arte cristã primitiva em grandes ciclos de grandes e solenes imagens que dominam o interior das igrejas bizantinas.” (GOMBRICH, 1978, p. 87)

No mais, como foi elencado pelo autor Pedro Arbex a figura de Maria estava entre umas das preferidas pelos iconógrafos bizantino, principalmente pelo seu papel de destaque na economia da salvação e também como réplica as heresias cristológicas que tinham o interesse em negar a sua maternidade divina. Sendo assim, os artistas procuravam dar a Maria traços perfeitos e sugestivos, tendo cuidado em manter o respeito que lhe é devido. Pois, dificilmente encontraremos um ícone com traços sensuais, pois como bem ressalta o autor, a Virgem é representada como uma dama nobre, uma rainha poderosa, mas, ao mesmo tempo, majestosa e modesta.

A palavra ícone adquire no século VII o significado de pintura sagrada cristã bizantina, passa a designar uma imagem que ilustra o conteúdo do Evangelho, ou seja, uma imagem teológica, por isso o adjetivo santo: ícone santo ou santo ícone. O ícone se contrapõe ao ídolo. Este último encerra sua função em deixar-se ver. O ídolo é cego e mudo. O ícone, ao contrário, nos abre para a contemplação do invisível. (LICARI, 2014, p. 6)

Sendo assim, percebemos a importância que esses personagens sagrados se perpetuam no império bizantino. Jesus, Maria e demais santos não são tratados meramente como figuras sagradas, mas, mais do que isso são ícones que transcendem ao material, e transmitem sentimentos desde adoração, admiração até ao medo e o respeito a sua superioridade e poder.

Licari ressalta que o símbolo iconográfico ultrapassa as barreiras espaço-temporais, que adentram numa dimensão mais profunda, de maneira que os cânones fogem à compreensão lógica e não podem se restringirem apenas as categorias do pensamento racional. Dessa maneira, o autor elenca que assim podemos

compreender o porquê dos padres da Igreja do Oriente lutaram tanto para que o ícone pudesse ser venerado. Pois, o fiel ao contemplar o ícone seria levado ao mundo de Deus, onde é anunciado o Jesus Cristo encarnado, que é a imagem vívida de Deus, mas que também lembra o imperador bizantino.

La diversidad de percepciones sensoriales posibles es reducida a un canon que se adecúa a la imagen de culto controlada por la Iglesia. El rostro pierde espontaneidad y cercanía natural, allí donde antes existían, para transformarse en máscara de un papel con la que el santo también mantiene la distancia con respecto al observador. La forma natural es algo secundario. Es no esquema que, por su parte, puede llenarse con nueva vida. Al fin y al cabo, no se buscaba la conservación de una forma natural terrena, sino aquel arquetipo que justificara el culto de la imagen reproducida. (BELTING, 2009, p. 41)

Nesse sentido, o autor Hans Belting em seu texto *Imagem y Culto* enfatiza que o ícone expressa em suas formas e à sua maneira o modo histórico de entender a natureza da imagem cultuada, que sofreu variações em tempos diferentes. Assim, os ícones representariam o mundo espiritual, como também teriam imbricados neles significados que agradariam ao Imperador, pois a relação entre Estado e Igreja estavam ligadas diretamente.

Figura 11: Cristo como Soberano do Universo, a Virgem e o Menino, e Santos. Mosaicos por artistas bizantinos na abside da Catedral de Monreale, Sicília, cerca de 1190



Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/iconografiabizantina/480872>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

Gombrich nos atenta para o fato de que imagens como estas, olhando-nos desde o alto de paredes douradas e refulgentes, representariam a Verdade Sagrada que nem parecia haver necessidade alguma de nos desviarmos delas. Assim, elas continuaram dominando em todos os países governados pela Igreja Oriental.

A encarnação de Cristo é a chave hermenêutica do ícone cristão. A tradição diz que o ícone é um evento que envolve diretamente a Deus, não apenas em quanto objeto representado, mas como sujeito operante. O iconógrafo é o Espírito Santo, o homem empresta as suas mãos, o seu espírito e as suas capacidades artísticas. (LICARI, 2014, p. 8)

Dessa maneira, os ícones bizantinos se tornam importantes chaves de poder para a manutenção das mensagens que a Igreja deseja repassar para os seus fiéis, como forma de ensinar aos iletrados as suas doutrinas, como também a qualquer outro fiel que os contemplem. Interesses embutidos também com relações entre a Igreja e o Imperador, para que ambos possam exercer a sua superioridade.

Na virada do século VI, as imagens também faziam parte da parafernália de peregrinação a vários santuários. Teodoro partiu em peregrinação à cidade psida de Sozópolis. Sua principal atração era um ícone milagroso da mãe de Deus, que borrifava mirra. Os espectadores tomaram isso como um sinal de que ele era um valioso servo de Deus. (ANGOLD, 2002, p. 24)

Assim, podemos perceber que essa era forma pela qual um ícone confirmava a sua santidade, e também como as produções iconográficas ao deixarem de ser utilizadas apenas como meras ilustrações, nos permitem perceber toda uma rede de significados e interesses que são relevantes para o estudo da historicidade cultural de uma determinada sociedade em uma determinada época. Para tanto é necessário “saber indagá-los e deles escutar as respostas” (PAIVA, 2016, p. 17).

Figura 12: Iconografia Bizantina.

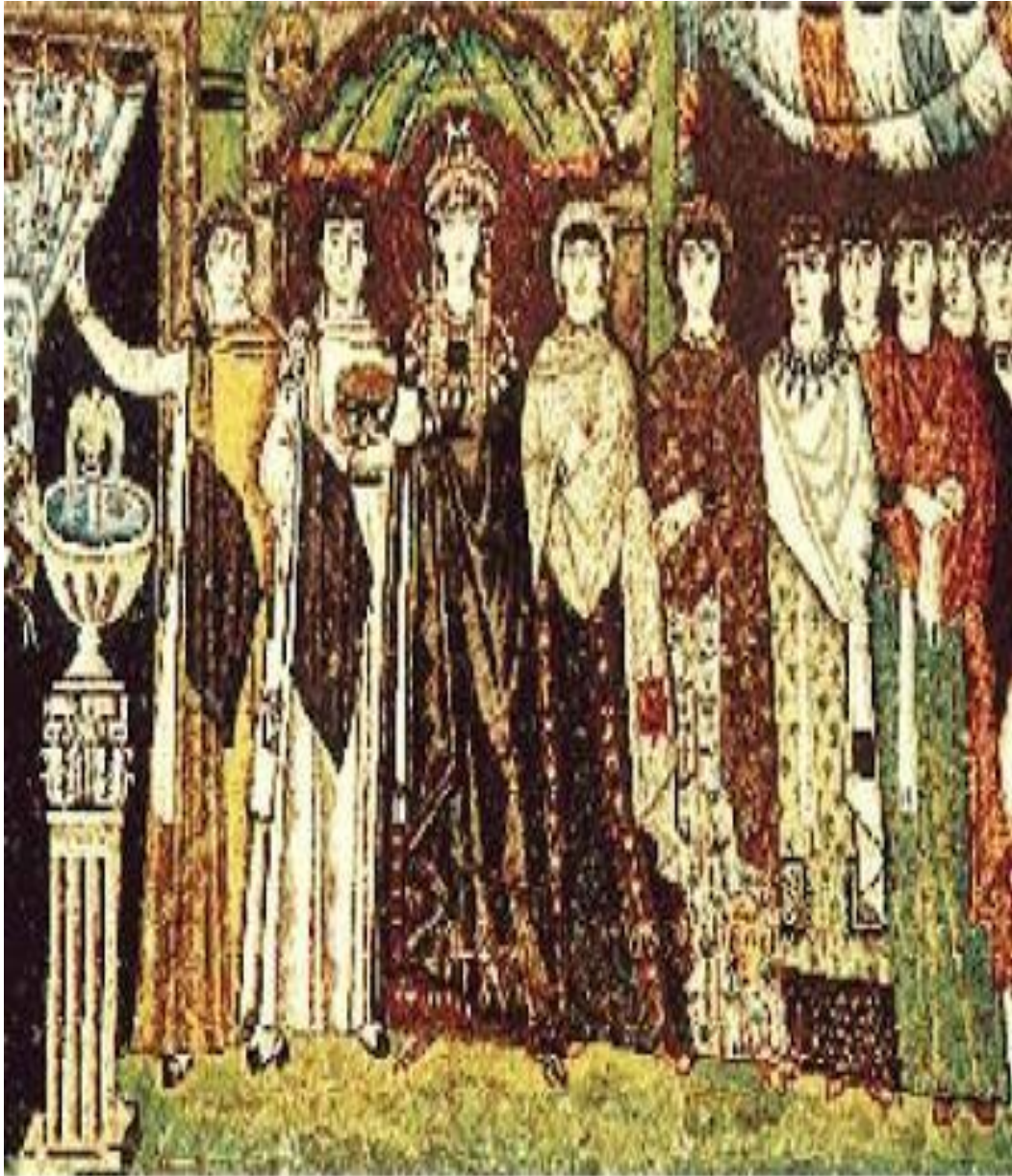


Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/iconografiabizantina/480872>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

Como vemos nessa imagem, Jesus é representado ao lado do Imperador bizantino. Para reforçar os laços entre a Igreja e o Estado. Os fiéis ao contemplá-la sentirão que o monarca é o representante divino na terra, a ele eles deverão demonstrar toda a sua obediência. Assim, como a Cristo Pantocrator, aquele que tudo rege. Nesse

sentido, Eduardo Paiva (2006, p. 14) assegura que “as imagens são representações que se produzem nas e sobre as variadas dimensões da vida no tempo e no espaço”.

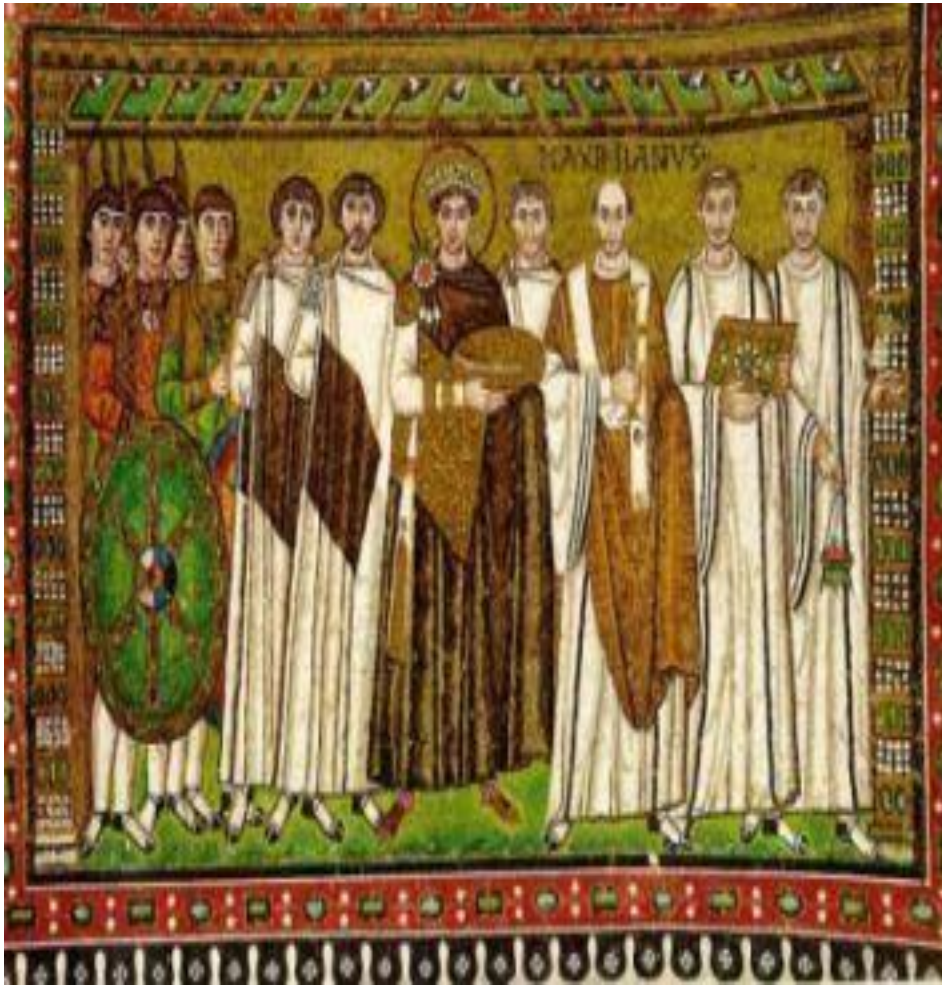
Figura 13: Iconografia Bizantina.



A Imperatriz Teodora e sua corte, mosaico na Igreja de São Vital, em Ravena, Itália

Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em:<<https://escola.britannica.com.br/artigo/Iconografiabizantina/480872>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

Figura 14: Iconografia Bizantina.



Fonte: Iconografia Bizantina. In Britannica Escola. Web, 2018. Disponível em:<<https://escola.britannica.com.br/artigo/iconografiabizantina/480872>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

Aqui podemos perceber mais imagens que reforçam essa parceria entre Igreja e Estado. Elas mostram o imperador Justiniano e a imperatriz Teodora sendo coroados pelos cânones da Igreja. Na qual a principal justificativa é a de que o imperador é o representante de Deus na terra, e o império bizantino é como se fosse o reino dos céus na terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio ao abordado no presente trabalho, percebemos o quão significativos se faz as análises iconográficas e simbólicas acerca de Jesus Cristo em consonância com as relações político-religiosas presentes no império bizantino. Essa importância se dá ao passo em que as interpretações iconográficas acerca de Cristo, se apresenta muito reducionista, em virtude das interpretações religiosas, acabava sendo deixada de lado as interpretações que propunham interesses políticos e de manutenção do poder imperial. Assim como aponta para importância das análises iconográficas no ensino de história, método este recente no âmbito historiográfico.

Assim sendo, os ícones não se restringem apenas a informar, anunciar e dizer uma fé instituída, os conhecimentos transmitidos a partir deles, se por um lado brotam da introspecção, remetendo ao transcendente, ao místico, do outro, oportuniza o pesquisador ao desafio de analisar modos de vivência, pensamentos que norteavam um grupo social, mentalidades que repercutiam em atitudes coletivas, modos de percepção do mundo, organizações, estruturas e hierarquias na vida da corte imperial. O ícone não diz somente sobre as coisas de Deus, mas sobre as coisas dos homens e suas instituições, seus interesses e a sua manutenção de poder.

Os sistemas simbólicos diferenciam-se segundo sua instância de produção e de recepção. E a autonomia de determinado campo constitui-se na medida em que um corpo especializado de produtores de discursos se desenvolve. O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer (...) só se exerce se for reconhecido. (BOURDIEU, 1998, p.14)

Desse modo, a simbologia se torna uma ferramenta de manutenção de diversos tipos de poderes. A simbologia dos ícones bizantinos, eram usados para a evangelização, para a representatividade religiosa dos símbolos, mas também para a legitimação de um poder imperial, que possuía laços de interação com a Igreja. Assim, as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes (BOURDIEU, 1998:11).

No mais, Peter Burke em seu livro Testemunha Ocular, nos ajuda a perceber como as produções iconográficas eram importantes, como forma de doutrinação. As pinturas de Jesus e os demais santos eram colocados nas paredes das igrejas, para

que os iletrados pudessem realizar a leitura através delas. Dessa maneira, as imagens significavam muito mais que meras imagens, elas também eram atribuídas como milagre e objetos de cultos, como também para refletir interesses políticos.

Como podemos perceber, os ícones deixaram de ser uma obra meramente pictórica para converter-se em um objeto litúrgico, pois seu significado está muito além do que o olhar pode perceber à primeira vista, existe ali uma profunda simbologia que está sustentada por textos tomados das Sagradas Escrituras, que os iconógrafos interpretavam ao “pé da letra”, seguindo os manuais canônicos, pintando e esculpindo cada traço, cor, forma e relevo de acordo com o que a igreja propusera. Dessa forma, nada ali era posto por acaso, sempre havia uma intenção simbólica por trás. Sendo essas intenções para retratar e exaltar a figura do monarca com representante divino, pondo as imagens de Jesus como verdadeiro reflexo de um ser imponente, todo poderoso, um verdadeiro soldado divino. Portanto, percebe-se como os símbolos no período bizantino se apresentavam nas cores, cada uma com o seu significado, e nas formas do rosto, corpo, braços, representadas nas imagens simbolizando algo relevante ao sagrado, assim, a arte foi fundamental com seus símbolos, ícones, cores e formas para a difusão do cristianismo pelo mundo, até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOLD, Michael. **Bizâncio**: A Ponte da Antiguidade para a Idade Média. São Paulo: Imago, 2002.

ARBEX, Pedro. **Teologia Orante na Liturgia do Oriente**. São Paulo: Ave Maria, 1998

Arte Bizantina – ícones e pinturas. **Página da Beatrix**, 21 de novembro de 2008. Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/arte-bizantina-icone-e-pintura/>. Acesso em: 03 de dezembro de 2017

BAQUIÃO, Rubens César. **Estabilizações e Mudanças na Composição Semiótica da Imagem de Cristo**: o cruzamento entre sagrado e profano. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.

BARRETO, Alexandre. **O Simbolismo na arte cristã do período Bizantino**. 2009. 72 f. Tese (grau de Bacharel no curso de Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, Santa Catarina. Disponível em: www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00003E/00003EEB.pdf. Acesso em: 23/08/2016.

BELTING, HANS. **Imagen Y Culto**: Una historia de la imagen anterior a la edad del arte. Ediciones AKAL, S.A, Madrid – España, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOY, Renato Viana. **A Querela Iconoclasta**: uma disputa em torno dos ícones no Império Bizantino. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp056902.pdf>. Acesso em: 23/08/2016.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Goes de Paula. 2º ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

FRANCO JÚNIOR, H; ANDRADE FILHO, R. O. **O Império Bizantino**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GASPERIN, Neomir Doopiat. **A mãe de Deus na Iconografia Bizantina**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Faculdade Claretiana de Teologia.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978

PAIVA, Eduardo França. **História e Imagem**. Segunda edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 119 p.

PESAVENTO, Sandra J. **Representações**. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Contexto, vol. 15, nº 29, 1995

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TAMANINI, Paulo Augusto. **Os ícones e seus signos**: a aplicabilidade das imagens nas pesquisas e estudos da História do Império Bizantino. História: Questões e Debates, Curitiba, volume 65, n.1, p.337-358, jan./jun. 2017

TOMMASO, Wilma Steagall de. **O Pantocrator de Claudio Pastro**: importância e atualidade. 2013. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1897> > Acesso em abril de 2019.

TOMMASO, Wilma Steagall de. **Arte sacra e arte religiosa**: imagem e culto. 2013. 307f. São Paulo, 2013. Disponível em < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1897> > Acesso em abril de 2019.

TOMMASO, Wilma Steagall de. **A imagem no cristianismo**. 2013. 307 f. São Paulo, 2013. Disponível em < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1897> > Acesso em abril de 2017.

VEGA, Manuel. **Simbologia do Ícone Bizantino**. Disponível em: <www.ecclesia.com>. Acesso em: 23/08/2016.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Denônica Lima de Carvalho,

autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação Simbolismos Iconográficos de Jesus Cristo no Império Bizantino durante os séculos VI e VII.

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de Novembro de 2019.

Denônica Lima de Carvalho
Assinatura

Denônica Lima de Carvalho
Assinatura